

INDIVÍDUO E INDIVIDUAÇÃO: DO ANTROPOMORFISMO À CIÊNCIA DO DEVIR

Marcos Sávio Santos Aguiar¹⁹³

William de Siqueira Piauí¹⁹⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os antagonismos e as complementaridades entre os conceitos de indivíduo e individuação. Para tanto, uma exposição do conceito de indivíduo feita pela metafísica clássica visa explicitar tanto a disparidade quanto a complementaridade que existe entre as noções de indivíduo e individuação quando estas passam a ser colocadas sob o prisma do pensamento topológico metaestável no qual aparecem singularidades pré-individuais. A reflexão baseada no indivíduo delinea certa concepção de conhecimento que não vislumbra potenciais metaestáveis em posição de força apesar da noção de indivíduo estar presente na estrutura topológica, na qual os potenciais pré-individuais ressurgem para manifestar aquilo que chamamos de individuação. Por fim, veremos como a nova concepção topológica redefine a noção de subjetividade a partir, não mais da noção de indivíduo, mas da noção de individuação.

Palavras-chave: indivíduo, individuação, metafísica, topologia, subjetividade.

Résumé: Cet article vise à présenter les antagonismes et les complémentarités entre les concepts d'individu et d'individuation. À cette fin, une exposition du concept d'individu telle que proposée par la métaphysique classique vise à expliciter à la fois la disparité et la complémentarité qui existent entre ces notions lorsqu'elles sont placées sous le prisme d'une pensée topologique métastable, où apparaissent des singularités préindividuelles. La réflexion fondée sur l'individu esquisse une certaine conception de la connaissance qui ne considère pas les potentiels métastables en position de force, malgré la présence de la notion d'individu dans la structure topologique, où les potentiels préindividuels réapparaissent pour manifester ce que nous appelons l'individuation. Enfin, nous verrons comment la nouvelle conception topologique redéfinit la notion de subjectivité en se basant, non pas sur la notion d'individu, mais sur celle d'individuation.

Mots-clés : individu, individuation, métaphysique, topologie, subjectivité.

¹⁹³ AGUIAR, M. S., Licenciado em filosofia, mestre e doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (e-mail marcossavio.se@gmail.com).

¹⁹⁴ PIAUÍ, W. S., doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e atualmente professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (e-mail piauiusp@gmail.com).

Introdução

O título do presente texto coloca primeiramente o termo “indivíduo” do lado do antropomorfismo, isto é, o termo “indivíduo” ganha existência na mente humana, e aparece assim como um ato conclusivo e acabado, que sai do subjetivo para impor um caráter objetivo. Mas em um segundo momento, o título nos sugere uma versão subversiva, colocando o termo “indivíduo” dentro de algo bem maior como entre os termos “individuação” e “devir”, numa proposta de encarar o mundo não apenas como passando ao largo de toda subjetividade, mas também como pura produção no ato de estar objetivamente e continuamente por se fazer. Num terceiro momento, veremos como essa nova forma de “indivíduo”, como simples fase da individuação, poderá subverter um outro termo de suma importância para a nossa abordagem como é o caso do termo “subjetividade”.

1) O indivíduo na filosofia ocidental

Pensemos o termo “indivíduo” na filosofia ocidental. O “ser” (Damasceno, 2007, p. 173-4) ou é monismo (unidade, núcleo) e substancial (permanente, estável), ou o “ser” é dualismo e hilemórfico – forma (*morphe*) e matéria (*hile*). Este “ser”, tanto o monismo substancialista quanto o esquema bipolar hilemórfico (forma e matéria), é procurado a partir do próprio indivíduo já constituído e dado. Por exemplo, a busca do gênero homem (o “ser”) é alcançada a partir da reunião da totalidade dos atributos dos homens particulares (precários, precíveis). Do mesmo modo, também podemos dizer que a busca da forma e da matéria (o “ser”) também pressupõe o indivíduo humano dado, ou já constituído.

2) A recusa do indivíduo individuado

Simondon (1924-1989), por sua vez, (na sua tese doutoral, defendida em 1958, sob o título de *L'individuation à la lumière des notions de forma et d'information*) recusa o modo como o “ser” havia sido concebido na filosofia ocidental. Ele recusa o indivíduo real e individuado como ponto de partida para explicar o “ser”. Para Simondon, o princípio de individuação é apreendido, não na estrutura individuada, mas na própria operação de individuação que tem a ver com a gênese e com o porvir (*apeiron* e *physis*).

Já para Bergson (1859-1941)(2005, p. 339-341), os gregos preferiram condenar o curso das coisas para acolher a atitude inversa, ou seja, eles adotaram a atitude que diz que o pensamento e a linguagem assumem frente ao curso das coisas. A filosofia que se desenvolveu no decorrer da antiguidade clássica foi a filosofia das formas ou das ideias.

A forma posta como estabilidade ou eternidade (Bergson, 2005, p. 344-7), independe do tempo, não é mais aquela que cabe numa percepção; ela é um conceito. Como realidade conceitual, a forma não ocupa duração e não ocupa extensão, isto é, a forma toma acento fora do espaço assim como paira acima do tempo. Espaço e tempo na filosofia antiga representam a diminuição do “ser” que se exprime por uma distensão no tempo e por uma extensão no espaço. Extensão e distensão significam o afastamento entre o que é e o que deveria ser. O encontro com o “ser” significa que o que era distendido no espaço se retesa em forma pura. E passado, presente e porvir retraem-se em um movimento único, que é a eternidade. Em outras palavras, a ordem física é a ordem lógica deteriorada. A ordem lógica é a filosofia das ideias (inatas) ou filosofia das formas. Essa ordem física, verdadeiro desmoronamento da ordem lógica, não é nada além da queda da dimensão lógica no espaço e no tempo.

Bergson subverte o pensamento dos gregos ao instalar a sua filosofia, não na estabilidade da forma, mas na instabilidade da matéria. A realidade agora é movimento. Segundo Bergson (2005, p. 327), o que é real é a mudança contínua da forma, pois as coisas agem umas sobre as outras, e nos é perceptível como movimento ou mudança. A forma passa a ser ilusória, enquanto o movimento é que é o real.

Essa formulação de Bergson coincide com o esforço de Simondon de fazer do devir uma ciência.

Por sua vez, a subversão de Simondon (Damasceno, 2007, p. 174), relativo ao pensamento dos gregos, consiste em recusar o indivíduo individuado como ponto de partida para explicar o “ser”. Para Simondon, o princípio de individuação é apreendido, não no indivíduo dado (estrutura individuada), mas na própria operação de individuação; não pressupõe uma estrutura, mas sim uma operação. Trata-se de investigar a gênese do indivíduo, trata-se de fornecer a descrição completa da sua ontogênese. Entende-se por ontogênese (Damasceno, 2007, 176) o “ser”, não como substancial e abstrato (monismo), nem como uma dualidade composta de forma abstrata e matéria amorfa (hilemórfico), mas sim como forças reais sob tensão (em estado de conflito) em processo de transformação no tempo. Em outras palavras (Damasceno, 2007, 179-80), o “princípio de individuação” exige uma topologia.

Uma topologia pressupõe uma superfície ou uma membrana que separa e comunica as forças do interior e do exterior. Numa topologia não há relação de exterioridade entre forças, mas tão somente relação de interioridade. As forças são internalizadas, pois o exterior da membrana comunica

organicamente com o interior. E o interior – que tende a estruturar, individuar, ou dar uma forma – está em constante tensão com o exterior – que tende a desestruturar. Ambas as forças são mediadas por uma superfície (membrana) que delimita o exterior do interior, e que media ou arbitra as tensões entre elas.

Nesse sentido, a desmontagem da metafísica clássica, realizada por Simondon, se dá, primeiramente, graças ao fato de que a metafísica se apoia no indivíduo constituído que é assimilado a uma essência (imutável); a metafísica não concebe nem a gênese nem o porvir. Em segundo lugar, na metafísica, a forma é separada da matéria, configurando relação de exterioridade. Para Simondon (Damasceno, 2007, 175), ao contrário, tanto a forma tem materialidade – a forma é um molde que molda a matéria e a materialidade do molde realiza a integração da forma com a matéria – quanto a forma e a matéria são características estruturantes apenas provisoriamente estáveis – o princípio de individuação pressupõe uma sucessão temporal, que produz o indivíduo. O indivíduo faz parte do processo de individuação. Em outras palavras, Simondon rompe com as relações de exterioridade entre os compostos, e rompe com a desconexão temporal da metafísica.

Para Simondon (Durán Rojas, 2024, p. 4-5), o princípio de individuação pressupõe uma sucessão temporal, e Simondon ressalta o valor da ontogênese, de modo que o indivíduo não é identidade, mas uma fase dentro de algo muito maior que é o “ser” metaestável ou a individuação como processo. A ontogênese é um sistema que compreende potenciais. Nesse sistema, a individuação se manifesta a partir do “ser”. O devir é uma dimensão do “ser” no modo de resolver as potencialidades. Há uma relação entre o ser e o devir (Damasceno, 2007, p. 180-1). O ser expressa uma defasagem em relação a si próprio, e sua resolução provisória aparece em uma determinada fase, fazendo surgir o indivíduo. Por exemplo, o ser vivo tem interioridade, e a individuação se realiza dentro, pois há uma topologia no interior que faz com que toda a anterioridade genética é ao mesmo tempo contemporâneo do presente vivo de modo que todo o seu passado está no presente. No mais, o “ser” vivo não é unidade de identidade, mas antes, unidade transdutora (Damasceno, 2007, p. 178-9). O ser pode se defasar nele mesmo, pois, na interioridade, uma região propaga uma atividade que afeta a outra região, de modo que a atividade propagada passa de vizinhança a vizinhança, numa modificação que se estende progressivamente em diversas direções do “ser”. A transdução manifesta a gênese das relações entre regiões do ser, e que funda o devir do ser.

Para entendermos o que significa topologia, em Simondon, Damasceno (2007, p. 179-81) sugere que abordemos as configurações topológicas do vivo; a topologia do vivo, segundo Simondon, é circunscrita no próprio espaço em que o vivo se desenvolve. Já chamamos atenção ao fato que esse espaço do vivo comporta o meio interior e o meio exterior, e a membrana separa e comunica o interior

do exterior, de modo que a vida está no nível da membrana; é a partir do terreno da membrana que podemos falar em uma topologia dinâmica pela qual a vida existe de modo essencial. Nesse sentido, a vida é um processo de desequilíbrio e reequilíbrio ou um processo de metaestabilidade dentro de um espaço topológico dinâmico pelo qual a vida existe de modo metaestável. O espaço topológico é um espaço onde, dentre outras coisas, não há distância; e isso se explica pelo fato de que toda matéria viva que está no espaço interior está presente ativamente no mundo exterior sobre os limites do vivo. O limite interior da membrana, espaço interior, tem o seu conteúdo, assim como o espaço exterior da membrana também tem o seu conteúdo. O conteúdo do interior está topologicamente em contato com o conteúdo do espaço exterior, ao nível da membrana e os dois conteúdos estão ativamente presentes, nos limites do vivo. Em outras palavras, a substância viva que está no interior da membrana polarizada seletiva é uma substância que foi absorvida no passado e a substância que está no exterior pode ser assimilada (interiorizada) no futuro (ela está por vir) e, conseqüentemente, desestabilizar o indivíduo vivo pelo rearranjo ou rearrumação que provoca. Dito de outro modo, no nível da membrana polarizada, o passado interior e o futuro exterior se afrontam no presente vivo; isso provoca uma polarização ou enfrentamento entre as substâncias passadas e as substâncias do por vir, ao nível da membrana seletiva pela qual há uma tensão que implica a passagem ou a recusa de conteúdos. Todos os produtos da individuação, passada e do por vir, estão presentes sem distância e também sem atraso porque são contemporâneos no presente, ao nível da membrana.

O pré-individual (Durán Rojas, 2024, p.5-7) afirma uma sobreabundância na operação de individuação (forças, energias, potências), de modo a ser impossível a conversão do pré-individual em um ser individuado completo. O pré-individual é um estado de ser afetado por disparidade, por uma tensão entre diferenças potenciais incompatíveis, não relacionadas, que no conjunto formam o ser.

A metaestabilidade convoca o pré-individual a todo instante, desfazendo a ideia da tradição de que o pré-individual seria uma espécie de anterioridade cronológica.

3) Como o pré-individual e o devir podem explicar o “ser” da subjetividade através da ação transindividual

Segundo Simondon (2015, p. 382) o homem existe primeiramente enquanto indivíduo vital: ele possui independência somática e funcional. O indivíduo somático impõe-se no mundo com o seu corpo biológico; o indivíduo funcional age em busca de sobrevivência, assim como os outros animais. Ainda guiado pela funcionalidade, o homem pode associar-se a outros homens a fim de explorar a natureza,

que seria uma associação caracterizada pelo trabalho. Mas essa individuação vital (somática e funcional) atribuída ao homem está longe de constituir a sua completude. O ser humano se conserva inacabado, incompleto, necessitando, portanto, de uma segunda individuação que possa corresponder ao seu devir de existir enquanto pessoa social; essa segunda individuação tão necessária para a realização da sua completude só pode acontecer dentro de um grupo de interioridade (Simondon, 2015, p. 383-4). Quanto ao ser humano, para além dos outros animais, existe nele algo de hiperfuncional que constitui a sua interioridade, e faz com que o ser humano se pense como um ser espiritual. Essa segunda individualidade é a individualidade de grupo que existe, não no grupo de ação, mas no grupo de interioridade. Um grupo de ação é um grupo no qual os homens associam-se para cumprir uma atividade vital, como, por exemplo, explorar a natureza por meio do trabalho. O indivíduo no trabalho continua sendo um indivíduo biológico, ou vinculado à sua individuação vital, constituindo relações biológico-sociais. Mas acima dessas relações biológico-sociais, existe outro nível de individualidade que Simondon chama de nível do transindividual, ou individuação de grupo, que se faz nos grupos de interioridade.

Uma ação transindividual não significa o mesmo que uma relação interindividual (Simondon, 2015, p. 385). Esta última trata-se de ligação (por partes) ou passagem de indivíduo a indivíduo na qual a realidade se apresenta aos indivíduos em partes, de modo que a realidade inteira ou em sentido completo não tem como penetrar no indivíduo. A ação transindividual, pelo contrário, é uma (1) ação holística na qual a realidade em jogo comporta potenciais e metaestabilidade. A metaestabilidade é uma estabilidade que se dá sempre fora de um ponto de equilíbrio estável de um sistema, e que comporta instabilidades já que o ponto de equilíbrio é um ponto aleatório. A metaestabilidade está sempre sob tensão. A segunda característica da ação transindividual é (2) a que comporta potenciais, a ação transindividual não se localiza nos indivíduos; essas tensões potenciais perpassam o indivíduo por estar ao mesmo tempo no meio e no indivíduo. Trata-se de uma carga de realidade ainda não individuada, da ordem do pré-individual.

O meio é um potencial que existe na medida em que o homem busca o seu semelhante para fazer um grupo. Um grupo é uma presença em si enquanto meio, e essa presença é presença de grupo ou uma segunda individuação (individuação de grupo) sempre em estado de pré-individuação, pois as ações dos indivíduos no meio são ações individuais cujas personalidades individuais agem por superposição umas às outras, constituindo uma individualidade instável de grupo, ou uma atividade de ligação com o mundo pela qual o grupo tende a comportar-se como uma estrutura sem ser ela mesmo uma estrutura. A recusa de ser estrutura vem do fato de que as forças individuais que se superpõem no interior do grupo sejam sempre irresolutas e sob tensão. Essas tensões pré-individuais do grupo passam dentro do indivíduo e

despertam nele uma expectativa pré-individual que o homem busca no seu semelhante. Essa realidade, chamada de transindividual, não é de origem social nem de origem individual, nem universal nem particular; não se trata das tensões do indivíduo que são levadas ao grupo, pois não se trata de tendências do indivíduo, mas sim de potenciais que precedem à gênese do indivíduo; o indivíduo conserva consigo o pré-individual, e todos os indivíduos no seu conjunto possuem um fundo não estruturado a partir do qual é possível produzir uma nova individuação.

Segundo Simondon (2015, p. 386), o psicossocial (o operacional) é esse fundo não estruturado presente no conjunto dos indivíduos, é essa carga de realidade que o ser individuado transporta consigo como uma nova individuação que se superpõe à primeira individuação que é a individuação vital. Enquanto a individuação vital acompanha o prolongamento do indivíduo (o indivíduo prolonga-se na estrutura vital) de modo que as relações que articulam as estruturas são relações interindividuais, a segunda individuação ou o psicossocial porta uma realidade pré-individual (operacional) de modo que as ações atribuídas a essa nova individuação são ações transindividuais que ligam vários indivíduos em um grupo. Essa nova individuação refere-se ao indivíduo, mas ao indivíduo enquanto “ser” (não enquanto individuado), salientando não apenas o caráter ôntico do indivíduo vital (ou indivíduo individuado) mas também a ação ontológica do indivíduo que supera ou ultrapassa os limites do indivíduo individuado a fim de alcançar uma reserva de “ser” ainda não articulada presente na realidade pré-individual do indivíduo, e que o leva a possuir uma segunda individualidade ou de grupo (operacional e pré-individual), por meio de ações transindividuais.

A noção de indivíduo é muito mais vasta que a simples realidade psicossomática, pois temos que levar em conta a realidade pré-individual a fim de compreendermos a noção de indivíduo (Simondon, 2015, p. 387). A realidade pré-individual é uma realidade em potencial, ainda não esgotada pela individuação, e que realiza a completude da noção de indivíduo. A consciência permite ao indivíduo se dar conta de que ele tem uma ligação com uma realidade que paira sobre o seu ser individuado, isto é, uma segunda individuação (individuação espiritual) que duplica a primeira (psicossomática). Essa individuação espiritual exprime no indivíduo o sentimento de que ele não está só. Há, no interior do indivíduo, a predisposição ou o potencial de sentir a presença do outro e de conceber no interior de si mesmo uma realidade que existe por associação e manifestada pelo transindividual. O transindividual está dentro do indivíduo, mas também fora dele. O transindividual é uma realidade não estruturada, e anterior ao indivíduo. Há duas fases do “ser”: o transindividual (fase amorfa – não estruturada) e o individual (fase solidificada – estruturada). Os indivíduos são portadores da realidade não individuada (transindividual), e essa realidade é necessária para que se cumpra a individualidade de grupo, isto é, os

indivíduos trazem consigo algo de coletivo, mas que eles isolados não poderão individuar esse coletivo. Individuar o coletivo significa dotar o coletivo de um corpo ou de uma estrutura. Somente uma reunião de indivíduos poderá dar realidade à individuação do grupo. Em outras palavras, o indivíduo é portador de realidade de grupo, mas na fase não individuada (fase espiritual); cabe à reunião de indivíduos a ação de desdobrar a espiritualidade de grupo em consciência de grupo e em materialidade de grupo, definindo uma estrutura de grupo que passa a ser dotada de corpo e alma.

Mas, nesse contexto, Simondon pergunta: Qual o papel do sociologismo na vida social? Simondon (2015, p. 375-377) chega à conclusão de que o sociologismo não é a relação apropriada para caracterizar a vida social, pois pela falta de conhecimento da relação apropriada, o sociologismo tende a substancializar o social ao fundamentar a relação como exterioridade ao invés de reconhecer o caráter relacional integrador que interioriza a atividade social. Nesse sentido, o sociologismo comporta-se como o psicologismo; Simondon considera o psicologismo como um obstáculo para representar a vida social, isto é, o psicologismo faz padecer o social ou descaracteriza o tecido da vida social uma vez que o comportamento psicológico do sociologismo não considera o fato de que pequenos grupos forcem ou impõem o seu psicológico como a totalidade do social ou impõe o seu psicologismo como o representante do conjunto da vida social. A consequência é que o estudo sociológico comporta dentro do corpo social problemas, como no caso do trabalho, que padece de vida social por estar viciado de oposição entre o psicologismo e o sociologismo. Simondon adverte que a maior parte das relações humanas são caracterizadas pelo trabalho, que tem o poder de colocar em jogo uma parte considerável das relações humanas; por isso a relação de trabalho tem que ser saudável para revigorar em saúde a vida social. As relações de trabalho não podem ser reduzidas nem ao jogo do substancialismo sociológico nem ao jogo de engessamentos ou paralisias interpsicológicas. O trabalho, tomado sob o prisma do sociologismo e psicologismo, deixa de cumprir para o indivíduo a missão salutar de satisfazer a necessidade individual de alcançar a plenitude da essência do homem (Simondon, 2015, p. 376). Ao invés, sob a égide do sociologismo, o trabalho desvincula-se das preocupações com a plenitude da essência humana para enfim associar-se à estrutura, à relação estrutural econômico-político na qual o indivíduo desaparece, e em seu lugar aparece o conflito de classes. A noção de classe, dentro do sociologismo, existe para afirmar e manter os *out-group*¹⁹⁵ ou grupos de exterioridade, de modo que a

¹⁹⁵ No *out-group*, a relação dos indivíduos no grupo é uma relação estrutural, enquanto que no *in-group* a relação dos indivíduos no grupo é uma relação operatória ou integradora. Isto é, no *in-group*, o social se faz através de relações de proximidade que são relações abertas; enquanto as relações no *out-group* são relações distantes ou relações fechadas ou submetidas a uma estrutura. No *in-group*, o indivíduo abre o seu corpo individual (caráter psicossomático) até encontrar o seu próprio corpo social nos limites do *in-group*, de modo que há uma expansão espontânea da personalidade do indivíduo até encontrar o seu o corpo social. No *out-group*, ao contrário, o indivíduo é obrigado a projetar o seu condicionado a sociabilizar-se de acordo com a malha social previamente estruturada. A consequência dessa submissão do indivíduo à

integração social ou o resgate da vida social fundamentada em relações seja terminantemente impossível. Enfim, no sociologismo, o trabalho se substancializa, a sociedade constitui-se por grupos de exterioridade; a interioridade da classe não representa mais para o indivíduo como o seu próprio corpo social constitutivo da sua personalidade; ao invés, a consciência de classe surge como efeito secundário provindo do exterior pelo conflito de classes; o jogo entre as classes sociais não passa de choque de classes adversas para preservar os respectivos psicologismos; e a estrutura da sociedade aparece como estrutura de conflito e não como relação de abertura para novos ciclos integrativos.

Referências bibliográficas

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DAMASCENO, Verônica. “Notas sobre a individuação intensiva em Simondon e Deleuze”. *Revista O que nos faz pensar*, PUC-Rio, v. 16 n. 21 (2007): Nº 21: julho de 2007. Seção. Artigos. Disponível em <http://periodicos.pucpr.br>. Acesso em 21: julho de 2007.
- DURÁN ROJAS, Cristóbal. “De la hipótesis al concepto. Simondon, Deleuze y las singularidades preindividuales”. *Revista de filosofía Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 36, e202430941, 2024 DOI: <http://doi.org/10.1590/2965-1557.036.e202430941>.
- SIMONDON, Gilbert. *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.:

estrutura é que ele será obrigado a deixar de lado a sua força imanente ou o impulso natural do seu ser, de modo que a sociedade aparecerá para o indivíduo como uma substância rígida, ou como algo estranho ou exterior;